

entrevista da semana

Moisés Selerges Junior,
presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC

‘O sindicalismo precisa mudar, pois o trabalho mudou’



DANIEL TOSSATO
danieltoossato@dgbcc.com.br

Eleito novo presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Moisés Selerges Junior sabe que o momento em que senta na principal cadeira da entidade

não é dos mais fáceis. Na região, o sindicato acompanha a possibilidade de mais uma fábrica histórica deixar a região: a Toyota. O presidente, entretanto, avalia que há possibilidade de a montadora permanecer em São Bernardo, mesmo que seja com outro tipo de produção. De acordo com o dirigente, o processo de desindustrialização que atingiu o Grande ABC desde o fim dos anos 1980 também tem impactado outras regiões do Brasil, embora com menos intensidade.

O senhor foi eleito este ano para presidir o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Qual será o tipo de atuação que irá nortear sua administração?

O tipo de atuação que norteará nossa gestão é dialogar com os trabalhadores sobre o país em que estamos vivendo. Perdemos muitos empregos, então, há a necessidade de mudança no país. Isso com certeza irá nortear a pauta de toda a classe trabalhadora. Esta mudança tem que ser feita conjuntamente com outros sindicatos e movimentos sociais. Buscaremos a proximidade maior com a nossa base e também com os movimentos que querem um País melhor. A luta dos metalúrgicos passa por um Brasil mais justo e fraterno. Os trabalhadores, que produzem a riqueza deste País, têm que ter direito a moradia, alimentação e universidade.

Qual é o panorama que o metalúrgico encontra hoje no Grande ABC, berço industrial do Brasil?

É o mesmo panorama encontrado em todo o Brasil, em relação ao tema da indústria, porque não existe uma política voltada para a indústria nacional no nosso País. O debate da política industrial é importante porque nossos empregos estão em jogo e porque a indústria gera cadeias produtivas e empregos que agregam mais valor. Além disso, os empregos na indústria impulsionam outros setores da economia, como serviços e comércio.

É fato que a região vem em processo de desindustrialização desde os anos 80. Como o sindicato viu essa situação e como a instituição pode cuidar dos postos de trabalho no Grande ABC?

A desindustrialização não é só uma questão do Grande ABC. Empresas em todo País estão fechando. Não é uma questão só da região. Buscamos a geração de mais empregos, discutimos políticas voltadas para a indústria e, principalmente, para a produção local. É fundamental uma política industrial que priorize o conteúdo local.



“O debate da política industrial é importante porque nossos empregos estão em jogo.”

Há como se produzir aqui no Brasil para gerar mais empregos aqui. Dentro da nossa estratégia isso passa por um projeto de País. O sindicato quer participar e propor políticas industriais. Queremos programas de formação profissional para os trabalhadores, o fortalecimento da indústria, uma indústria responsável ecologicamente, moderna, que gere empregos de qualidade e que coloque o Brasil como protagonista no mundo

Essa situação culminou na partida da Ford, por exemplo, uma das principais montadoras na região. Como o sindicato viu essa situação e como foi a atuação para evitar esse episódio?

No tema industrial o fechamento da Ford tornou-se um símbolo e daqui a alguns anos, quando lembrarmos da situação pela qual o Brasil vem vivendo hoje, uma das coisas que nós vamos comentar será o caso Ford. A atuação do sindicato foi conversar com a própria Ford, com os governos do município e do Estado, e também procuramos o governo fede-

ral. Realizamos diversas ações e mobilizações. Penso que tudo que o sindicato poderia fazer o sindicato fez.

Ainda nesse contexto, a montadora Toyota também tem planos para deixar São Bernardo. Como estão as tratativas para a permanência da fábrica na cidade?

Foi criado um grupo de estudo em que nós estamos discutindo com a Toyota para ver a viabilidade de a planta permanecer em São Bernardo. Se não for com os produtos que ela fábrica hoje na cidade, que seja com uma outra possibilidade que permita manter os empregos aqui.

O senhor acha que o poderes públicos municipal e estadual também podem auxiliar de alguma forma na permanência da montadora em São Bernardo? De que forma?

Acredito que tanto o município quanto o Estado podem ajudar no sentido da permanência da Toyota aqui. Como eles podem ajudar? Dentro daquilo que cabe ao Estado e ao município, seja na questão de tribu-



“O Grande ABC é uma região extremamente positiva em relação a vários aspectos, como logísticos, por exemplo.”

tos, seja de mostrar a importância da região. O Grande ABC é uma região extremamente positiva em relação a vários aspectos, como logísticos, por exemplo.

Há temor de que outras grandes fábricas, como a Volkswagen ou a Scania, deixem a região?

Temor sempre existe, ainda mais em um País que não tem política voltada para a indústria. Ninguém está tranquilo em relação a isso, mas penso que no caso da Volkswagen e Scania não existe essa possibilidade. Então, nós temos que cobrar do poder público para que isso não venha a acontecer, e precisamos cobrar agora.

A Mercedes está colocando 5.000 trabalhadores em férias. Isso também preocupa o sindicato?

Sim. Preocupa o sindicato. Um dos motivos de a Mercedes estar dando férias coletivas é por conta da falta dos componentes que não são fabricados aqui no Brasil. Por isso defendemos o conteúdo local. Semicondutores são fabricados na China e em outros lugares que não o Brasil. Então, justamente em um momento como agora, de crescimento na venda de caminhões, o setor é prejudicado por conta disso.

O Sindicato dos Metalúrgicos do ABC é um dos maiores do País. Quais são as principais atuações da entidade junto aos trabalhadores?

O sindicato tem o compromisso com os trabalhadores de lutar por melhores condições de trabalho, por salário mais justo, por uma sociedade mais fraterna, pelo nosso projeto, que eu costumo dizer, que é ser feliz.

Hoje, quantos trabalhadores o sindicato representa no Grande ABC? Esse número pode aumentar?

Nossa base hoje tem 68 mil metalúrgicos localizados nas cidades de São Bernardo, Diadema, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. Esse número pode aumentar se a economia voltar a crescer e tiver políticas voltadas para isso. E uma das causas que discutimos o tempo todo é

justamente o fato de não existir política para a indústria no Brasil. O sindicato fala de política porque é ela que decide o nosso futuro.

Como o sindicato acompanha a cadeia de produção na região? A lei da ferramentaria avançou?

O sindicato acompanha a cadeia produtiva e tenta fazer o mapeamento das empresas da categoria do setor metalmeccânico, principalmente do automotivo, que é a maior parte da nossa base. E assim buscamos compreender como a cadeia está estabelecida e organizada. Na verdade, com a lei da ferramentaria há um debate sobre como o governo do Estado poderá fazer uso dos créditos do ICMMS, o Pro-Ferramentaria, e isso vem acontecendo de forma tímida. O governo fez o lançamento e nós estamos discutindo e acompanhando.

O Rota 2030 trouxe algum benefício palpável ao trabalhador do ramo automotivo? Qual?

No período do Inovar-Auto, projeto mais estruturante que tratava de investimento, pesquisa, desenvolvimento e inovação, as empresas tinham melhores condições de produção e de comprar de fornecedores aqui no Brasil, o conteúdo local. O que gerava empregos, renda e riqueza nacionalmente. Era um programa que também tratava de eficiência energética e segurança veicular. Já o Rota 2030 aborda pesquisa, desenvolvimento e inovação, mas com carências. É um programa muito solto, com projetos pontuais. A maior crítica que fazemos entre um e outro é que o Rota 2030 não está sendo estruturante, mas que envolve muitos pequenos projetos soltos. Não há política para a indústria e o governo ainda quer zerar a alíquota da importação, sendo que produzimos em condições de produzir no Brasil. Queremos que a produção seja feita aqui, com conteúdo local e não com importados, para gerar empregos de qualidade e renda na região e no País.

O que mudou no sindicalis-

RAIO X

Nome: Moisés Selerges Junior
Idade: 55 anos
Local de nascimento: São Caetano
Formação: Técnico em ajustagem mecânica
Hobby: Ficar com a família e ver um bom filme ou acompanhar programas de esportes
Local predileto: Piabetá, no Rio de Janeiro
Livro que recomenda: Escravidão, de Laurentino Gomes
Artista que marcou sua vida: Chico Buarque, Caetano Veloso, Milton Nascimento e Zeca Pagodinho
Onde trabalha: Sindicato dos Metalúrgicos do ABC



“Queremos que a produção seja feita aqui, com conteúdo local e não com importados, para gerar empregos.”

mo em uma década?

Na verdade, o trabalho mudou. O mundo do trabalho mudou. Eu não acredito que o sindicalismo mudou em uma década. Nesse período o sindicalismo foi muito atacado com a reforma trabalhista e a reforma previdência, por exemplo. O movimento sindical foi atacado para ser inviabilizado. Agora o movimento sindical passa por mudanças, e precisa mudar porque o mundo do trabalho mudou.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Política **Página:** 4